

AS APROPRIAÇÕES DA LINGUAGEM E DA LITERATURA NO ENSINO MÉDIO DURANTE O PERÍODO DA PANDEMIA

Hosana da Silva de Melo (UFT)

hosana.melo@mail.uft.edu.br

César Alessandro Sagrillo Figueiredo (UFT)

cesarpolitika@mail.uft.edu.br

RESUMO

A leitura e a escrita passam por diversas (trans) formações que iniciam na educação infantil, por meio dos desenhos e contação de histórias, por exemplo, até os estudos técnicos nas fases posteriores da escola. Durante a pandemia, o processo da linguagem escrita e oral sofreram algumas adaptações. A partir do exposto, possuímos como objetivo principal refletir sobre a forma de apropriação da linguagem e da literatura, sobretudo das obras canônicas, durante o distanciamento social imposto pela pandemia. A fim de responder o objetivo proposto, nos ancoramos nos conceitos trazidos por Rildo Cosson, José M. Moran, Paulo Freire, Ellen Valotta E. Borges, Cassia Regina C. Sossolote, dentre outros, que trabalham com o diálogo entre linguagem, letramento e literatura. Metodologicamente, usamos a abordagem qualitativa por permitir mesclar revisão bibliográfica, teoria, entrevistas e outros aspectos reais do cotidiano. Como resultado da pesquisa, consideramos que as multiplicidades de práxis contemporâneas possibilitam que o docente utilize, na sua prática, uma abordagem que aproxima a formação do sujeito e as obras, por conseguinte, dando a densidade ao *corpus* analisado.

Palavras-chave:

Linguagem. Literatura. Pandemia.

ABSTRACT

The reading and writing undergo several (trans) formations that begin in early childhood education, through drawings and storytelling, for example, to technical studies in later stages of school. During the pandemic, the written and oral language process underwent some adaptations. From the above, our main objective is to reflect on the form of appropriation of language and literature, especially of canonical works, during the social distance imposed by the pandemic. In order to answer the proposed objective, we anchored in the concepts brought by Rildo Cosson, José M. Moran, Paulo Freire, Ellen Valotta E. Borges, Cassia Regina C. Sossolote, among others, who work with the dialogue between language, literacy and literature. Methodologically, we use a qualitative approach as it allows us to mix literature review, theory, interviews and other real aspects of daily life. In result of the research, we consider that the multiplicities of contemporary praxis allow the teacher to use, in their practice, an approach that brings together the formation of the subject and the works, therefore, giving density to the analyzed corpus.

Keywords:

Language. Literature. Pandemic.

1. Introdução

Este trabalho traz uma abordagem de pesquisa qualitativa e o uso de referencial bibliográfico, com o objetivo principal de fazer uma reflexão sobre as apropriações da linguagem e da literatura, partindo de discussões teóricas sobre o uso e alternâncias da linguagem e sobre o contexto das obras literárias em sala de aula, articuladas no espaço virtual e digital durante a pandemia. Para estas reflexões consideramos as apropriações e o uso de obras literárias dialogadas no curso do ensino médio, pois acreditamos que nesta fase o aluno já possui um letramento literário mínimo, necessário para desempenhar seu papel em sociedade.

A pesquisa qualitativa possui instrumentos e diretrizes capazes de fornecer um olhar atento e, ao mesmo tempo, mantém o distanciamento do pesquisador, sem a imposição de suas representações ideológicas. Para embasar este trabalho tivemos como premissa a análise e interpretação dos conceitos apresentados por Cosson (2018), Borges (2016), Gnerre (1991), Sossolote (2014), dentre outros que se propuseram a refletir sobre o tema, fornecendo material que contempla a escrita, fala e aspectos da complexidade do comportamento humano que forma suas atitudes e tendências de comportamento do/no discurso. Validando nossa opção por esta abordagem trazemos a fala de Minayo que a caracteriza da seguinte forma:

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível da realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. (MINAYO, 2002, p. 21-2)

Para começar este percurso sobre a linguagem lembramos que ao ingressar na escola a criança domina essencialmente as variantes linguísticas do seu grupo familiar ou comunitário. Percebe-se que escrita e a fala são muito próximas chegando a influenciar uma na outra (sotaque, expressões, dialetos etc.), entretanto, com os avanços nos estudos linguísticos buscou-se ressaltar também a formação discursiva do sujeito. Esta visão ganhou corpo à medida que estudos linguísticos mostraram como o sujeito se posiciona perante a sociedade e usa sua capacidade comunicativa.

Esse desenvolvimento da criança não se dá de forma linear, mas sim com momentos de ação e interpretação na comunicação entre os su-

jeitos. Segundo Basso (2000), na teoria vygotskyana, estes estágios pelos quais as crianças passam são necessários para o desenvolvimento cognitivo dela consistindo em processos comunicativo-expressivos, adquirindo mais expressividade, mais força à medida que ela interage socialmente. Neste primeiro contato com a linguagem, no meio familiar, acontecem as primeiras apropriações do saber, intermediados pelos instrumentos e signos linguísticos (significado e significante).

Numa perspectiva sociointeracionista, acreditamos que o texto literário é a escrita ideal, repleta de uma construção multifacetada, e que apresenta condições para que o leitor possa instaurar um sujeito da linguagem. A interação presente nesta relação faz com que o leitor seja capaz de alcançar seu espaço na interlocução, de interagir e a atingir um determinado propósito comunicativo.

2. Construção da linguagem e o uso da literatura

As discussões e o conhecimento sobre linguagem no século XX iniciaram-se com a obra *Curso de Linguística Geral* (1916), na França, do linguista Ferdinand de Saussure. Nascido em 1857, na cidade de Genebra – Suíça, Saussure, graduou-se em física e química na universidade local. Dedicou-se ainda ao estudo das línguas como o inglês, grego, alemão, francês e sânscrito. Em 1877, com apenas 20 anos, publicou o livro *Mémoire sur le système primitif des voyelles dans les langues indo-européennes*, fruto de seus estudos em linguística comparativa. Suas demais publicações foram póstumas, inclusive o *Cours de linguistique générale*, cuja primeira edição se deu em 1916. Foi em 1891, na Universidade de Genebra, que Saussure ministrou os cursos de linguística geral, tornando-o célebre no âmbito dos estudos da linguagem. Saussure faleceu aos 22 de fevereiro de 1913, deixando um legado que deu início aos estudos científicos da linguagem.

Para Menezes e Silva (2018), na obra do linguista, considerava-se a língua e a linguagem como objetos de estudo diferenciados, ainda que a primeira fosse parte da segunda. Saussure se dispôs a uma extensa análise teórica dos fatos linguísticos, com o intuito de definir o objeto da língua dos demais fatos de linguagem. Para ele, a língua era composta de um sistema de valores puros, sem a possibilidade de ser uma visão do mundo; a língua era vista como um fato social resultante da coletividade, que estabelecia os valores deste sistema por meio das convenções sociais, livre de qualquer poder do sujeito.

Esta teoria foi adotada por muito tempo, porém, na visão de Sossolote (2014) ao considerar a homogeneização/padronização da língua e o sujeito como uma tábula rasa, a teoria saussuriana inviabiliza uma análise mais ampla das apropriações da linguagem no texto literário uma vez que este é constituído num plano multissignificativo, é também da ordem da subjetividade e da figuratividade. Sossolote (2014) defende a teoria culioliana (*Teoria das Operações Predicativas e Enunciativas*, tal como foi formulada por Culioli (1990)), que trabalha o agenciamento específico da língua e a pluralidade de suas relações com a linguagem numa atividade de construção, de representação, de referenciação e de regulação ligada à capacidade sociocognitiva dos indivíduos. Ou seja, a linguagem tem um movimento constitutivo que denota o “eu” do sujeito, sendo um produto da fala e da escrita e ao mesmo tempo constituinte delas.

A pluralidade de construção do sujeito, constituídos pelas diversidades, segundo Cosson (2018), vai além de sua constituição física, pois a ele somam vários corpos como o da linguagem, o dos sentimentos, o do imaginário, etc., que é individual em relação aos outros, mas também é coletivo. Para o autor, ao exercer a linguagem expressamos o que o mundo significa para nós e, o trabalho em sala de aula com obras literárias que tematizam as questões sociais, culturais, religiosas ou outra faz com que os corpos linguagem, palavra e escrita se encontrem e revelem-se como exercício de expressão sobre a relação homem e mundo. Estas apropriações de linguagem dão ao sujeito a compreensão e a oportunidade de vivenciar os processos formativos e construtivos do conhecimento.

Quanto ao uso da palavra, em suas diversas formas, o autor destaca que elas ocupam um espaço de expressão e de sensações humanas, mas a escrita ainda é a mais usada. Até mesmo quando nos expressamos pela oralidade ou meios imagéticos, por exemplo, o jornal televisivo, o cordel, o teatro, tudo tem um roteiro escrito para o locutor, para o declamador que expõe seus folhetos pendurados nas feiras ou um ator no palco. Nos meios tecnológicos, qualquer dado que se acesse ou queira divulgar, está presente a escrita em forma de instruções ao usuário. Dada a importância e a latência da linguagem escrita, ao pensarmos na literatura em tempos de pandemia percebemos a primazia da escrita, pois é por meio da disponibilização de publicações eletrônicas, digitalizações de livros, transcrições em blogs, etc. que os professores puderam trabalhar e continuar ministrando os conteúdos literários do programa escolar. Sem este recurso, o aluno e o professor ficariam desfalcados de saber, de atuações, fatos e expressão: “A escrita é, assim, um dos mais poderosos

instrumentos de libertação das limitações físicas do ser humano.” (COSSON, 2018, [n.p.]⁵⁶)

A linguagem oral não está sendo, na nossa reflexão, ignorada ou negligenciada, mas coadunamos com as autoras Fávero, Andrade e Aquino (2000) que destacam o uso da linguagem oral (fala) como uma expressão, normalmente, não planejada; ela pode se apresentar, inclusive, de forma instável e voltada às necessidades mais imediatas do sujeito. Se por um lado a oralidade se apresenta informal, por outro, na língua escrita devemos obedecer a um código convencionado pela gramática, desenvolvida e estudada ao longo dos anos escolares. Na análise de um texto, escrito ou verbal, é necessário identificar os componentes da situação comunicativa como os traços pessoais do sujeito (personalidade, interesses, emoções) e do grupo social ao qual pertence, uma vez que os componentes linguísticos podem favorecer a interpretação do papel do sujeito.

No processo da escrita, a língua é permeada de estruturas complexas, enquanto a fala possui uma estrutura simples e informal a depender de suas apropriações, do contexto e dos sujeitos. Consequentemente, a linguagem também passa a ser vista como um objeto de estudo além da verbalização, sendo uma condição de produção vinculada aos processos de interação e de formação dos interlocutores. O entendimento deste processo diz respeito não somente às elaborações orais ou escritas, mas ao objetivo de integração e orientação do leitor/ouvinte no momento da leitura, como se fossem pistas na busca do efeito que se pretende alcançar. Durante a aquisição e desenvolvimento da linguagem em sala de aula, a prática docente deve privilegiar a percepção dos diferentes segmentos a que pertencem seus alunos, de forma que quanto mais intensa e diversificada é a interação, mais rica e influente será a linguagem.

Perante o discurso o sujeito não atua de forma individual, somente com a intenção ou propósito almejado. Há um processo comunicativo e Borges (2016) o descreve como um ato que se dá também pela convivência em sociedade. Isto porque antes de ser um sujeito leitor, ele é um ser social que age e reage em diferentes contextos, utilizando-se de meios variados de leitura como livros, receitas, revistas ou meios visuais e audi-

⁵⁶ [n.p.] (não paginado) – Conforme informações obtidas pelo canal Fale Conosco da ABNT não se faz necessário especificar o número da página nas citações diretas, quando se tratar de *e-books*. Opcionalmente, pode-se colocar o localizador (Posição xx). Fonte: SILVA, Robério Cabral da. *Assunto: ABNT Catálogo*. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por hosana.melo@mail.uft.edu.br em 03 de novembro de 2021.

tivos, ou sincréticos: “Nesse sentido, a leitura é um dos meios pelo qual o sujeito adquire informações e conhecimentos necessários para estabelecer e manter relações com outros sujeitos, sendo um processo fundamental na constituição de uma sociedade.” (BORGES, 2016, p. 16).

A linguagem também se traduz como ato de empoderamento ou apoderamento pelo e do sujeito, dependendo da forma como se escolhe utilizá-la. Por empoderamento consideramos a perspectiva do educador Paulo Freire que num diálogo com Ira Shor – *Medo e Ousadia: o cotidiano do professor* (2014), o traduz como uma associação das potencialidades do aluno, com o exercício da cidadania e o direcionamento dos estudos, pois empoderar o aluno não significa considerar o professor apenas como um lançador de ideias ou “desatador de nós”, o qual, ao final da proposta, dá seu papel como pronto e acabado. Este empoderamento freiriano também se aplica à inclusão digital durante no ensino híbrido, durante a pandemia, pois se promovida em seu sentido facilitador da comunicação, pode contribuir e ultrapassar a conotação de protagonismo ou progresso individual do sujeito.

Esclarecido nosso ponto de vista sobre o empoderamento, consideramos as possibilidades de apropriações da linguagem e da leitura, um fato determinante durante a fase escolar e social dos sujeitos interlocutores. Ao formular suas proposições internas e expressar-se diante do mundo, o sujeito pode usar a(s) linguagem(ns) como meio manipulador, opressor, agregador ou de submissão. A respeito desta influência ou empoderamento da e pela linguagem, Maurizio Gnerre em *Linguagem, Escrita e Poder* (1991) defende que a linguagem não se detém apenas como veículo de informação, porque ao apropriar-se dela o sujeito passa a denotar sua posição. O enunciador ocupa ou pensa ocupar, por vezes, um destaque de influência no ambiente em que realiza os atos linguísticos, como é o caso dos discursos políticos, religiosos, educativos ou culturais, pois estes adquirem um certo valor diante do contexto empregado e os atos de linguagem se apropriam das relações entre falante e o ouvinte.

3. Apropriações da linguagem e da literatura

Em termos simples, podemos dizer que a apropriação é uma busca pela superação da distância cultural, dos sentidos e valores apresentados pelo texto. Nesta busca pela superação, Bastos (2011), considera a interpretação e a compreensão atos complementares na leitura que mobilizam os processos de relação entre o texto e o mundo. Ao interpretar fazemos

uma leitura pela linguagem e não somente sobre ela. Ao inscrever o texto na leitura oral também se inscreve os sentidos presentes: “Assim compreendida, a obra produz uma verdadeira desordem nas relações entre a linguagem e o mundo e nas relações entre as subjetividades do autor e do leitor.” (BASTOS, 2011, p. 48).

O pensamento do autor nos leva a crer que, na relação entre autor e leitor, a linguagem percebida envia referências sobre as percepções do discurso e quando se toma o texto escrito a partir da oralidade, ocorre uma interrupção, mas não uma supressão de ideias, pois caberá aí, ao escritor, dar a referência e repassar o sentido do discurso. Bastos (2011) descreve que temos então a literatura, o texto toma o lugar da palavra; a leitura, como forma de apropriação, ganha um significado e o leitor pode dar outros prolongamentos na ressignificação, a partir de sua perspectiva.

Ao propor a leitura de um clássico ou até mesmo um texto corriqueiro em sala de aula, o professor pode utilizar trechos para trabalhar a expressão social do leitor e obter ganhos cognitivos ao relacioná-lo com o contexto externo. Cosson (2018) destaca que os textos literários têm o imenso poder de desvelar a padronização de regras impostas nos discursos pragmáticos ou modalizados e reguladores, que a sociedade letrada constrói como apropriações inalteradas de um discurso ou outro. Há de se lembrar que a linguagem é uma expressão única e ao mesmo tempo formada por todos, em sociedade.

Nestes tempos de pandemia, o retorno gradual das aulas, num primeiro momento com o ensino híbrido, tem sido adotado por vários estados à medida que a mídia jornalística e os órgãos de saúde têm noticiado uma queda no número de mortes pela Covid-19. Seja na modalidade presencial ou a distância (remota ou semipresencial) os processos de aprendizagem devem ser personalizados, o que não significa que o professor tenha que desenvolver uma atividade ou didática para cada aluno, mas sim perceber que a apropriação literária se dará a partir da construção de mundo que está presente no leitor: “Cada estudante, de forma mais direta ou indireta, procura respostas para suas inquietações mais profundas e pode relacioná-las com o seu projeto de vida e sua visão de futuro principalmente ao contar com mentores competentes e confiáveis” (MORAN, 2018, [n.p.]). Para o professor e para a escola é uma oportunidade de conhecer e auxiliar o educando nas suas reais necessidades e interesses. Como exemplo de modelos personalizados no ensino híbrido, Moran (2018) cita o planejamento diferenciado e adaptado para as necessidades dos alunos chamado ensino roteirizado, percebendo e compreendendo

dendo como cada um dos alunos construirá a resposta, permitindo ao professor conhecer o tempo e o percurso que cada um dará. Durante a análise das respostas o professor poderá verificar como a linguagem se faz presente no processo da escrita e leitura.

Seja neste modelo híbrido adotado durante a pandemia, seja no presencial ou online, a prática docente exige a adoção de um conjunto metodológico que englobe práticas diferenciadas em sala de aula. Com a leitura de obras literárias não é diferente, pois a ideia principal é aquela defendida por Paulo Freire, ou seja, protagonizar o aluno por meio de estímulos e maior responsabilidade na construção do conhecimento crítico, se envolvendo no processo da aprendizagem e superando as barreiras da linguagem. Para exemplificar a contextualização do literário com o mundo, da ficção com o real, colocamos abaixo um trecho da obra “O Diário do Ano da Peste”, de Daniel Defoe, publicado originalmente em 1722, no qual o narrador relata o caos entre a população londrina diante da desinformação sobre a peste que assolava a cidade:

As apreensões do povo também foram estranhamente aumentadas pelo erro dos tempos; no qual, penso eu, o povo, pelo princípio que não posso imaginar, estava mais viciado em profecias e conjurações astrológicas, sonhos e contos de velhas esposas do que nunca antes tivera. Se esse temperamento infeliz foi originalmente levantado pelas loucuras de algumas pessoas que receberam dinheiro por ele - isto é, pela impressão de previsões e prognósticos - eu não sei. (DEFOE, 2020, *e-book*)

Neste trecho o docente pode realizar exercícios mentais de confronto com o mundo empírico, pode utilizá-lo como recurso de investigação e descoberta e, até mesmo, para a simples reflexão, neste caso, sobre as medidas de isolamento social impostas pela pandemia. A vantagem didática que a literatura ficcional possui em relação à ciência se dá no processo de sensibilização do sujeito leitor, à medida que ele se relaciona e empatiza com aqueles que sofrem. Neste momento, os ganhos cognitivos podem ser trabalhados em conjunto com outras áreas do conhecimento, numa reflexão posterior, chamada de cognitivismo crítico e definido por Lemos (2020) como o entendimento posterior que se tem após o contato com a obra literária, o processo argumentativo que se dá na mente do leitor, num diálogo consigo ou com os outros.

Outras possibilidades de trabalhar os trechos do romance enfatizado é a proposta inicial de uma discussão sobre as diferenças entre o que foi narrado e a realidade atual, relacionando-as às notícias e relatos pessoais sobre o coronavírus. É importante que o docente esteja atento e tenha uma leitura prévia sobre a doença presente na obra (peste

bubônica) e a Covid-19, por exemplo, a primeira é transmitida por bactérias presentes em roedores e pulgas, já a segunda trata-se de um vírus; a potencialidade do alcance geográfico das duas doenças; o índice de letalidade; a atuação da ciência e os meios disponíveis de combate e de vida da própria sociedade (higiene, saúde, cultura, socioeconômica, etc.), dentre outras informações e interdisciplinaridades que achar interessante. A pré-informação destes dados permitirá ao professor identificar e trabalhar com possíveis notícias falsas ou pensamentos distorcidos sobre fatos verídicos, trazendo para o aluno informações relevantes e produtivas.

Acreditamos que além de trabalhar a literatura clássica, os professores também podem incentivar os alunos a terem seu próprio espaço, sua própria escrita poética. Com uma visão, talvez alternativa do mundo, o aluno (o sujeito em geral) carrega suas emoções e suas formas de resistência perante o medo coletivo nestes tempos. Escritas contemporâneas com temáticas de amor, dor, ausência, medo, morte, etc. podem ser bastante trabalhadas durante as aulas; este aparato virtual (*vlogs, blogs, trends, podcasts*, etc.) podem gerar um material literário bastante rico, permitindo ao docente trabalhar com uma busca associativa ao conteúdo do caderno didático, por exemplo, dos gêneros literários líricos (poesia), narrativos (romance, crônica) ou dramáticos. A proximidade do repertório de leituras construídas até o momento (leituras escolares) com os cânones literários, do Brasil ou das obras clássicas mundiais, e os textos (postagens) virtuais (textos da cultura de massa) constrói e amplia valores da linguagem do leitor.

No entanto, também chamamos atenção para o fato de que o certo gozo de liberdade na escolha do texto literário, pelo professor, bem como o imenso volume de escritos à disposição do leitor pode dar a impressão de que a formação do leitor parece uma tarefa simples, mas segundo Cosson (2018), a leitura proposta deve ser focada num objetivo e também nos aspectos de constituição textual, ou seja, o percurso do letramento literário possui variáveis que, diante do posicionamento assumido pelo professor, pode facilitar ou não a fruição da formação do leitor. Durante o isolamento social as diferenças socioeconômicas entre alunos ficaram mais evidentes causando um desnivelamento entre objetivos de ensino e aprendizagem, pois para aqueles que não tiveram (têm) acesso suficiente à tecnologia, houve uma necessidade de enfrentar os perigos de contaminação ao se virem obrigados a deslocar até as unidades escolares para pegar o material impresso, bem como também responderam e

devolveram as atividades para a escola. Estas limitações reais de acesso aos textos, a necessidade de conciliar as recomendações sanitárias e a urgência de finalizar o ano letivo são fatores que podem ter afetado os objetivos pedagógicos do ensino da língua materna, tornando delicada e até mesmo ineficiente o desenvolvimento do hábito da leitura, o gosto pela leitura e construção do senso crítico e estético.

Refletindo ainda sobre a nuance de temas interdisciplinares e os conteúdos digitais acessíveis, destacamos outra oportunidade que o professor tem para trabalhar a apropriação da linguagem que é a incorporação de palavras ao nosso vocabulário⁵⁷, ou traduções de palavras estrangeiras que tem feito parte do “novo” cotidiano das pessoas, por exemplo, *pandemia*, *infodemia*, *lockdown*, *live*, *crossfit*, etc. Neste exercício de apropriação da linguagem e do texto literário devemos levar em consideração os conhecimentos que o leitor possui sobre a atividade, a obra ou o tema abordado. O fator extratextual determina o tipo de apropriação na informação lida, portanto, considerar apenas os elementos linguísticos não serão suficientes para que o sujeito/leitor refine seu modo de apropriação; é necessário também analisar os conhecimentos e a visão do mundo presentes na construção do texto, além do contexto histórico-social que precisa caminhar lado a lado as informações expostas no conteúdo.

Borges (2016), ressalta que a informação, seja nova ou não, contida no discurso já possui uma construção de sentido antes mesmo dele praticar a leitura e que ela está imersa no contexto social: “o momento em que se concretiza não é um recorte de tempo estático e dissociado do seu entorno, ao contrário, resulta da relação do sujeito com o mundo” (BORGES, 2016, p. 16). Defendemos, então, que o texto literário possui sim a capacidade de expressar a linguagem social, de dar ao sujeito o acesso e a condição de apropriar-se da informação e da própria língua, propiciando mais chances de refletir sobre o seu papel na sociedade.

4. Considerações finais

Concluimos esta reflexão ressaltando que, mesmo tendo a linguística de um lado e a literatura de outro, ambas têm em comum: sujeito (leitor) e a linguagem. Seja em contextos técnicos/científicos, seja nos li-

⁵⁷ Informação obtida no site: <https://www.academia.org.br/nossa-lingua/nova-palavra>. Acesso em: 09 de nov. 2021.

terários ou mais coloquiais, o sujeito exerce sua funcionalidade: a comunicação.

Ao apropriar-se da linguagem ele constitui sua finalidade em si mesma, alcançando e construindo o sentido. As transformações na língua, como possibilidade de expressão, devem levar ao hábito de pensar, descobrir e se posicionar perante o mundo, por isso mesmo os textos literários são tão ricos e estimulam a criatividade. Ao estimular a leitura literária e trabalhar a linguística textual o professor, especialmente o de Língua Portuguesa, oferece instrumentos e suporte teórico-prático valiosíssimos para interpretação e análise da construção do sentido; as atualizações da linguagem devem ser trabalhadas e potencializadas no texto literário como uma unidade de sentidos agenciadas por elementos linguísticos, que culminam na apropriação da linguagem.

Mesmo nas aulas roteirizadas, ainda que seja estabelecida qual obra literária será trabalhada e de acordo com o programa de cada secretaria de educação do estado ou município, é possível trabalhar a literatura e a linguagem como formas de apropriação. É possível também trabalhar as tendências de novos termos criados ou adaptados de outras línguas, para explicar essa nova realidade. Novos vocabulários como “*lockdown*”, “*quarentena*”, “*homeoffice*” ajudaram as pessoas a entender o momento atual e as novas condutas necessárias durante este período. Por outro lado, concomitante com o processo de ensino, a internet e as redes sociais (*WhatsApp, Meet, Zoom, Instagram, Youtube*, etc.) disponibilizaram uma avalanche de informações que trouxeram as “*fake news*” aumentando a desinformação entre os leitores, com notícias falsas ou incompletas, unilaterais, parciais, depreendendo do professor uma atenção maior em defesa da verdade e em prol da educação.

Por isso, ao professor cabe o papel de condutor dos caminhos do conhecimento; cabe a ele selecionar e transmitir o conhecimento verdadeiro e comprometido que preenche as lacunas nas projeções do leitor. Neste contexto tecnológico, a linguagem e a literatura podem tomar rumos diferentes nos diálogos interdisciplinares, utilizando as informações pré-existentes e as novas situações.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BASSO, *Cíntia Maria*. Algumas Reflexões Sobre o Ensino Mediado por Computadores. *Linguagens & Cidadania*, v. 2, n. 2, jul./dez. Revista da

Universidade Federal de Santa Maria – Centro de Artes e Letras – Departamento de Letras Vernáculas. Santa Maria – RS, 2000. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/LeC/article/view/31521/17295>. Acesso em: 22, out. de 2021.

BASTOS, Hermenegildo. Literatura como Trabalho e Apropriação. *Pontos de Interrogação* – Revista do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural, v. 1, n. 1, p. 33-51. Universidade do Estado da Bahia, Campus II. Alagoinhas-BA, jan/jun.2011. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/pontosdeint/article/view/1414>. Acesso em: 20, out. de 2021.

BORGES, Ellen Valotta Elias. O Texto Além das Palavras: uma visão ampliada da apropriação da informação por meio de textos literários. *Journal of Information Studies: Research Trends*, v. 10, n. 3, dezembro, p. 15-24. Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Campus de Marília. Marília-SP, 2016. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/bjis/article/view/5681>. Acesso em: 25, out. de 2021.

COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2018. (E-book Kindle)

DEFOE, Daniel. *O Diário do Ano da Peste*. GUERRA, H. (Trad. e Org.). Osasco-SP: Novo Século, 2021. (E-book Kindle)

FÁVERO, Leonor Lopes; ANDRADE, Maria Lúcia C. V. O.; AQUINO, Zilda G. O. *Oralidade e Escrita: perspectivas para o ensino da língua materna*. 2ed. São Paulo: Cortez, 2000.

FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. *Medo e Ousadia – O cotidiano do professor*. Trad. de Adriana Lopez. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014. (E-Pub)

GNERRE, Maurizio. *Linguagem, escrita e poder*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991. (E-Pub). Disponível em: <https://docs.google.com/viewer?a=v&pid=sites&srcid=ZGVmYXVsdGRvbWFpbnxz2b2Npb2Zlc3BzcHxneDoxNTZhMzZhNDUzNTNjMmQ>. Acesso em: 10 set. de 2021.

LEMOS, Ítalo Lins. Ficção em Tempos de Pandemia: uma análise de Um Diário do Ano da Peste de Daniel Defoe. *Voluntas: Revista Internacional de Filosofia*, v. 11. e 13. p. 1-10. Revista da Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria-RS, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/percursos/article/view/21530>. Acesso em: 28 set. de 2021.

MENEZES, Stella F.; SILVA, Márcia Aparecida. Língua e Linguagem para Saussure: um percurso de elaboração dos conceitos no 1º, 2º e 3º curso. *PERcursos Linguísticos*, [S. l.], v. 8, n. 20, p. 6-74. Universidade Federal do Espírito Santo – Programa de Pós-Graduação em Linguística. Vitória-ES, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/percursos/article/view/21530>. Acesso em: 10set. de 2021.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Ciência, Técnica e Arte: o desafio da pesquisa social. In: MINAYO, M.C. de S.; DESLANDES, S.F.; NETO, O.C.; GOMES, R. (Orgs). *Pesquisa Social, Teoria, Método e Criatividade*. Petrópolis-RJ: Vozes, 2002. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/franciscovargas/files/2012/11/pesquisa-social.pdf>. Acesso em: 10 set.2021.

MORAN, José Manuel. Metodologias Ativas para uma aprendizagem mais profunda. In: MORAN, J.M.; BACICH, L. (Org.). *Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática*. Porto Alegre: Penso, 2018. (E-book Kindle)

SOSSOLOTE, Cássia Regina Coutinho. A linguagem e a sua relação com a língua, com a literatura, com a cultura e com o conhecimento. In: *XVII Congreso Internacional Asociación de Lingüística y Filología de América Latina*. João Pessoa-PB, 2014. Disponível em: <https://www.mundoalfal.org/CDAnaisXVII/trabalhos/R0817-1.pdf>. Acesso em: 12, set. de 2021.